

# João Gomes de Oliveira Guimarães – Abade de Tagilde. Amigo e correspondente de José Leite de Vasconcelos

JOAQUIM ROQUE ABRANTES\*

## RESUMO

José Leite de Vasconcelos é, sem dúvida, o grande arqueólogo e etnólogo português da 2.<sup>a</sup> metade do séc. XIX e da 1.<sup>a</sup> metade do séc. XX.

João Gomes de Oliveira Guimarães foi padre numa freguesia rural de Guimarães, um investigador histórico e arqueológico e, ao mesmo tempo, um político na administração local. No campo do saber considerava Leite de Vasconcelos como o seu Mestre.

Corresponderam-se, foram amigos e deram um contributo precioso para o avanço das Ciências Humanas no nosso país.

Neste trabalho, apresentamos os epistolários que cruzaram entre si.

Palavras-chave: Abade de Tagilde – José Leite de Vasconcelos – Correspondência

## ABSTRACT

*José Leite de Vasconcelos surely is the great Portuguese archaeologist and ethnologist of the 2nd half of the 19th and of the first half of the 20th centuries.*

*João Gomes de Oliveira Guimarães was a priest at a rural parish from Guimarães. He also was a researcher into history and archaeology and, at the same time, a politician in the local administration. As far as knowledge is concerned, he regarded Leite de Vasconcelos as his Master.*

---

\* Assessor no Museu Nacional de Arqueologia.

*They kept up a correspondence, were friends and contributed valuably to the development of Human Sciences in our country.*

*In this work, we present the correspondence they exchanged.*

*Keywords: Abbot of Tagilde – José Leite de Vasconcelos – Correspondence*

## 0. INTRODUÇÃO

Falar de João Gomes de Oliveira Guimarães é falar do Abade de Tagilde (fig. 1). É falar de um padre, de um investigador e de um político. A sua relação com José Leite de Vasconcelos é a de um admirador em relação a um sábio, de um discípulo em relação a um mestre, de um amigo afectuoso correspondido e estimado por outro amigo.

Há uma estreita afinidade entre três investigadores, particularmente ligados ao campo da Arqueologia: Francisco Martins Sarmiento (1833-1899), o Abade de Tagilde (1853-1912) e José Leite de Vasconcelos (1858-1941). Unidos pela amizade e pelo saber, tiveram entre si momentos de convívio e proximidade e trocaram vasta correspondência.

O Abade de Tagilde escreveu a Leite de Vasconcelos, entre 1896 e 1911, 58 espécies; Francisco Martins Sarmiento escreveu 113 espécies a Leite de Vasconcelos entre 1877 e 1896<sup>1</sup>.

Da correspondência de Leite de Vasconcelos para Martins Sarmiento existem na Sociedade Martins Sarmiento, em Guimarães, 73 espécies escritas entre 1879 e 1899, e publicadas em 1958 por ocasião do centenário do nascimento de Leite de Vasconcelos. Nesta mesma Instituição foram também encontradas 9 espécies endereçadas por Leite de Vasconcelos ao Abade de Tagilde entre 1896 e 1908.

---

<sup>1</sup> O Museu Nacional de Arqueologia tem estes dois epistolários devidamente organizados e disponíveis para consulta. Em 1999, foi publicado como suplemento n.º 1 de *O Arqueólogo Português* o "Epistolário de José Leite de Vasconcelos" que contém a relação de 3.690 autores que no seu conjunto escreveram 24.170 espécies a Leite de Vasconcelos. O Abade de Tagilde tem o n.º de autor 1.555 e F. Martins Sarmiento o n.º 3.124.

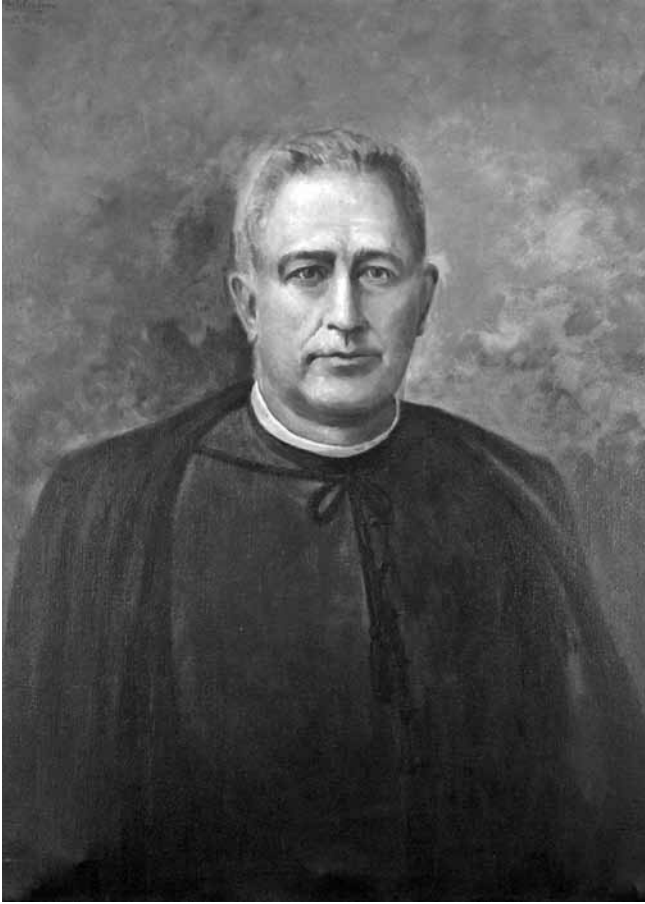


Fig. 1 – O Abade de Tagilde - João Gomes de Oliveira Guimarães.

Este nosso trabalho vai tratar essencialmente das correspondências entre o Abade de Tagilde e Leite de Vasconcelos.

João Gomes de Oliveira Guimarães nasceu em Bugalhós de Baixo, freguesia de S. Vicente de Mascotelos, concelho de Guimarães, no dia 29 de Dezembro de 1853. Seus pais eram proprietários abastados.

Aos 14 anos, matriculou-se no liceu de Braga. Terminados os estudos secundários em 1872, inscreveu-se no Curso de Teologia do Seminário de Braga que concluiu em 1875. No ano seguinte, foi ordenado presbítero e onze anos depois, em 1887, foi nomeado pároco de Tagilde. Tinha então 34 anos. Em Tagilde, permaneceria um quarto de século, vindo a falecer, vitimado por uma pneumonia, em 20 de Abril de 1912 com 58 anos de idade. Tagilde foi a única paróquia que conheceu. Ele era o Senhor Abade de Tagilde!

Em frente da casa paroquial encontra-se uma lápide onde pode ler-se: “Nesta residência paroquial, faleceu aos 20 dias do mês de Abril de 1912 o insigne historiador e diplomata P.<sup>o</sup> João Gomes de Oliveira Guimarães, Abade de Tagilde, nascido na freguesia de Mascotelos aos 29 dias do mês de Dezembro de 1853.”

## 1. A POVOAÇÃO DE TAGILDE

Tagilde é actualmente uma freguesia do concelho de Vizela, com a área de 2,74 km<sup>2</sup> e com uma população aproximada de 2.000 habitantes. Dista de Guimarães 8 km. Segundo a tradição, aqui nasceu em 1187, o frade dominicano S. Gonçalo de Amarante, no lugar de Arriconha<sup>2</sup>. O concelho de Vizela era constituído por 7 freguesias e em 2004 tinha 23.528 habitantes.

Diferentes, naturalmente, eram os censos no tempo em que o Abade de Tagilde foi pároco desta freguesia (1887-1912). No *Diccionario Chorographico de Portugal Continental e Insular* de Américo Costa, podemos ler: “Tagilde pertencia ao concelho e comarca de Guimarães e tinha em 1890, 137 fogos e 545 habitantes; em 1911, 276 fogos e 1.044 habitantes referentes a esta freguesia e à de Vizela (S. Paio); em 1920, 249 fogos e 990 habitantes incluindo a de Vizela (S. Paio)” (ob. cit., 1948, vol. 11, p. 363-364). Com este número reduzido de “ovelhas” podia bem o seu “pastor” ter muito tempo disponível para se dedicar à investigação histórica e arqueológica. E foi isso o que aconteceu.

Um dos seus primeiros projectos era ambicioso. Propunha-se fazer um estudo sobre cada uma das 76 freguesias que, nessa altura, pertenciam à parte rural do concelho de Guimarães e publicar a respectiva monografia. Seriam 76 monografias.

Começou por estudar a terra onde residia e iria viver até ao fim dos seus dias; em 1894 publicou na *Revista de Guimarães* “TAGILDE: Memoria Historico-Descriptiva”. Em nota de rodapé podemos ler: “A *Memoria*, que hoje publicamos, é um *specimen* do projecto de trabalho, não devendo levar-se-nos a mal a preferênciam, que demos ao assunto de que ella se occupa” (ob. cit., vol. 11, 1894, p. 5). Assim justificava ter começado o seu projecto por Tagilde. Desta *Memória* respigamos algumas notas.

---

<sup>2</sup> S. Gonçalo pertencia à nobre família dos Pereiras. Recebeu cuidadosa educação no Convento Beneditino de Pombeiro e é ordenado presbítero em Braga. Foi Abade de São Paio de Riba Vizela, povoação situada nas proximidades da sua terra natal. Fez uma peregrinação a Roma onde visitou os túmulos de S. Pedro e de S. Paulo e daí seguiu para os lugares santos da Palestina. Ao regressar, professou no Convento Dominicano de Guimarães e, possivelmente, terá pertencido à colegiada vimaranense. Algum tempo depois, vai instalar-se em Amarante com outros companheiros de hábito, tornando-se o incansável protector da gente humilde e necessitada. Morre a 10 de Janeiro de 1262 e o seu corpo repousa na Igreja de Amarante que tem o seu nome.

Segundo o autor, o topónimo Tagilde não pode filiar-se no rei godo Atanagildo que, segundo a tradição, povoou este lugar no séc. V dando-lhe o seu nome. É mais aceitável admitir que no início da Reconquista Cristã, um novo senhor tivesse tomado posse desta região tendo aqui construído uma torre para vigiar e proteger os casais rurais espalhados pelas três *villas*. Ora, o nome de *Atanagildo* era vulgar nesta época. Diz o autor: “... não pôde recuar-se para além do seculo VIII a data da denominação da parochia, que nos principios da monarchia portugueza se chamava Taagildi e hoje Tagilde ...” (ob. cit., vol. 11, 1894, p. 11).

A igreja paroquial é dedicada ao Salvador. O templo actual foi edificado na primeira metade do séc. XVIII, para substituir uma velha igreja que se encontrava em ruínas, situada no campo de um passal chamado a horta velha. A torre cimeira ainda não existia em 1757 como consta nos estatutos da Irmandade do Rosário, mas já estava de pé em 1797.

Em frente à igreja e separado do adro por um espaçoso terreiro, construiu-se em 1889 o cemitério paroquial. Na freguesia existem mais cinco capelas, algumas delas em ruínas, sendo a mais conhecida a de S. Gonçalo. A capela desta invocação encontra-se no lugar de Arriconha e foi mandada edificar em 1657 pelos padres Bento de Carvalho e Francisco Fernandes, com o produto de esmolos. Separada desta capela, por um caminho vicinal, estava a Casa do Paço onde, segundo a tradição, nasceu S. Gonçalo.

No tempo em que o Abade de Tagilde descreve a sua “Memoria”, estava bem conservada a casa e o lugar onde nasceu S. Gonçalo, existia a cruz paroquial que serviu no seu baptismo e podiam ver-se, como ainda hoje, a fonte onde mitigava a sede e o penedo onde rezava.

O Abade de Tagilde na citada “Memoria Historico-Descriptiva” continua a fornecer-nos alguns dados interessantes sobre a sua freguesia. A paróquia tinha uma sede de delegação postal criada em 1893, sendo as malas transportadas da estação telégrafo-postal das Caldas de Vizela para aqui.

Na p. 83 apresenta-nos um quadro da evolução da população, que reproduzimos parcialmente:

QUADRO 1  
Evolução da População

Anos	1864	1878	1890	1893
Fogos	129	135	146	138
Habitantes	544	492	558	548
Masculino	236	195	-	242
Feminino	308	297	-	306

O censo apresentado por Américo Costa no seu *Diccionario Chorographico* (ob. cit.) refere em 1890, 137 fogos e 545 habitantes. No ano de 1893 houve em Tagilde 26 baptismos, 7 casamentos e 16 óbitos.

A quase totalidade da população trabalhava na agricultura. Fora desta actividade, havia 4 estudantes, 6 alfaiates, 3 barbeiros, 6 carpinteiros, 1 cesteiro, 2 ferreiros, 8 moleiros, 5 pedreiros, 3 sapateiros, 2 jardineiros, 5 tecedeiras e 2 vendeiros.

A respeito da instrução escreve o Abade de Tagilde: “N’esta freguezia e em todas as de que se compõe o districto de Paz<sup>3</sup> 14, não há uma escola official de instrução primaria. Algumas creanças d’esta freguezia vão procurar a instrução a freguezia, concelho e districto estranho... a populosa ribeira do Vizella no capitulo da instrução e ainda n’outros deve aos poderes publicos o mais completo esquecimento” (ob. cit., vol. 11, 1894, p. 89).

Falando das vias de comunicação, diz o Abade: “A viação d’esta freguezia é má, ou antes pessima; não ha nenhuma estrada macadamizada e os caminhos carraes, que existem, acham-se geralmente em mau estado... A largura média de cada caminho é de 3 metros” (ob. cit., p. 89).

Apresenta, de seguida, um mapa das várias vias de comunicação entre as 14 freguesias que foi enviado pela junta da paróquia à Câmara Municipal em 12 de Fevereiro de 1893. Manifestando o seu interesse para que este problema fosse resolvido, dá várias sugestões, entre as quais a construção de uma estrada de macadame que viesse a ligar a povoação de Vizela com a estrada municipal da Vaca-Negra a Pombeiro.

Há ainda aspectos muito interessantes que o nosso Abade descreve nesta *Memória*, como o clima e a higiene, os hábitos alimentares, a vida social, a média dos nascimentos por casal, o nível etário da população, o trabalho do campo, as produções dominantes na agricultura, o salário...

Depois de lermos estas páginas, reconhecemos que o Abade conhecia e amava a sua terra, conhecia e amava aqueles que lhe estavam confiados, preocupa-se em melhorar as suas condições de vida e abrir novos horizontes aos seus paroquianos, confinados aos montes e penedias que envolviam o espaço em que viviam.

Como complemento desta monografia o nosso Abade apresenta 7 documentos inéditos, à excepção do primeiro, existentes na Torre do Tombo e referentes à

<sup>3</sup> O Distrito de Paz, criado em 2 de Novembro de 1841, compreendia 14 freguesias: Tagilde, S. Faustino de Vizela, S. Paio de Vizela, Gémeos, Calvos, Serzedo, Vila Nova dos Infantes, Matamá, S. Cristóvão de Abação, S. Tomé de Abação, Pentieiros, Taboadelo, Polvoreira e Pinheiro, com o total de 1.128 fogos com 4.382 habitantes, sendo o recenseamento do ano de 1878 (*Revista de Guimarães*, vol. 11, 1894, p. 81).

freguesia de Tagilde. O primeiro reproduz as Inquirições de 1220, mandadas fazer pelo rei D. Afonso II e o último tem por título: “Relação da freguesia do Salvador de Tagilde”. Descreve sucintamente o estado desta paróquia após o Terramoto de 1755, respondendo assim ao inquérito enviado por D. José I a todas as freguesias do reino em 1758. Tem a data de 12 de Maio de 1758 e é assinado pelo Abade de Tagilde, pelo Abade José Monteiro Vaz e ainda pelo P.<sup>e</sup> Amaro José de Paços, Abade de S. Faustino.

## 2. OLIVEIRA GUIMARÃES – TRÊS VERTENTES NUMA SÓ VIDA

Tentemos agora debruçar-nos sobre a pessoa de João Gomes de Oliveira Guimarães.

Como dissemos no início, foi um padre, um investigador e um político. Como conciliou na sua vida três perspectivas tão fortes e aparentemente tão diferenciadas? Qual foi aquela que mais marcou a sua existência e o projectou para a história local e para a posteridade?

### 2.1. O Prior de Tagilde

Não nos foi possível obter, nem em Guimarães nem em Tagilde, a documentação que desejaríamos para aprofundarmos como foi o P.<sup>e</sup> Oliveira Guimarães na sua missão de “cura de almas”. Mas temos um artigo precioso publicado no jornal *O Progresso de Paços de Ferreira* e depois transcrito na 1.<sup>a</sup> página do bissemanário *O Commercio de Guimarães* em 3 de Maio de 1912, poucos dias após a sua morte, ocorrida a 20 de Abril.

O autor, J. Freitas Carneiro, assume-se como adversário político do Abade de Tagilde, mas ao mesmo tempo também como um amigo sincero. Tinha muito à-vontade com ele e um dia encontrando-o em Guimarães perguntou-lhe porque não aceitava a sua indigitação para bispo de que tanto se falava na cidade. O Abade fixou-o com um olhar agradecido e retorquiu: “Habituei-me de tal forma à Sociedade Martins Sarmiento e à minha freguesia que destas identidades tão queridas não me posso separar”.

A Sociedade Martins Sarmiento e Tagilde eram os seus dois amores. Na última parte do artigo, o autor realça, na vivência do Abade com os seus paroquianos, a sua bondade, o seu desprendimento, a sua abertura perante o saber, os conhecimentos da tecnologia agrícola e o desejo de ensinar aos homens que amanhavam a terra. E escreve: “Como cura de almas o que foi o Abade de Tagilde? Vejamos. Sem exageros, ele pastoreava o seu rebanho com todo o amor e caridade no que foi coadjuvado pela sua santa irmã.



A todos socorria quer com o óbolo a necessitados, quer com os seus serviços políticos. Onde via uma lágrima a enxugar, ele lá aparecia.

As riquezas nunca as sonhou sequer e, tendo ao princípio da sua carreira política e eclesiástica uma fortuna regular e uma das abadias melhores, morreu pobre!»

Ao tomar posse da sua residência (fig. 2), encontrou sem roteiro o passal. Transformou-o em pouco tempo revelando-se um agricultor exímio: mandou sulfatar as vides, plantou árvores, enxertou-as e nas suas práticas condenava o agricultor agarrado aos processos antigos. A residência de Tagilde era uma perfeita escola agrícola, todos o diziam. “É preciso, muito preciso, ensinar o agricultor – disse-me um dia, mostrando o seu passal”. E termina: “Paz à alma do bom cura de almas portuguesas e oxalá que haja muitos que o igualem” (Paços de Ferreira, 22.04.1912)<sup>4</sup>.



Fig. 2 – Residência paroquial do Abade de Tagilde.

<sup>4</sup> Actualizámos neste texto a grafia da transcrição e o mesmo faremos nas páginas seguintes para facilitar a leitura.

## 2.2. O Investigador histórico e arqueológico

Oliveira Guimarães era um homem apaixonado pelo saber. Notabilizou-se particularmente como historiador, arqueólogo, etnólogo, numismata e epigrafista. O seu nome está ligado à Sociedade Martins Sarmento e ao ressurgimento de estudos sobre a história local de Guimarães. Pertenceu a esta Sociedade desde a sua fundação, esteve dez anos na direcção e foi seu presidente entre 1902 e 1905.

Acompanhou Francisco Martins Sarmento em várias expedições arqueológicas, tornou-se o homem da sua confiança e, após a sua morte, foi ele que continuou a calcorrear montes e vales na busca de novos achados arqueológicos. Ao mesmo tempo, começou a organizar os manuscritos sarmentianos referentes às escavações da Citânia de Briteiros e do Sabroso que viria a publicar na *Revista de Guimarães*. Foi o principal colaborador desta revista e ao longo de três décadas dirigiu uma série a que deu o nome “Apontamentos para a História de Guimarães”, tendo abordado temas muito diversificados como o “Arquivo da Colegiada de Guimarães”, os “Dom Priores da Colegiada”, “O Convento de Santa Clara”, a “Vila do Castelo”, os “Documentos do Mosteiro do Souto”, o “Teatro Vimaranesense”, “As Epidemias de Guimarães”, “Documentos inéditos dos séculos XII-XV (Mosteiro de Souto)”, “O Museu Arqueológico”, entre outros. São 1.500 páginas escritas.

Durante duas décadas, coligiu também uma vasta documentação referente às origens e à história das freguesias de Guimarães que se encontra na biblioteca da Sociedade Martins Sarmento em quatro volumes manuscritos sob a designação “Apontamentos para a História do Concelho de Guimarães”. Publicou três monografias: *Tagilde: Memoria Historico-Descriptiva, Guimarães e Santo António e Guimarães e Santa Maria*.

A sua vida foi curta e não chegou a fazer uma monografia sobre cada uma das 72 freguesias que compunham o concelho de Guimarães. Publicou apenas a de Tagilde; das outras deixou apontamentos manuscritos.

Mas o trabalho que viria a ser classificado como a obra mais importante do Abade de Tagilde foi a *Vimaranis Monumenta Historica*. Com efeito, em 6 de Abril de 1898, foi aprovada por unanimidade na Câmara de Guimarães uma proposta apresentada pelo Vice-Presidente Antero Campos da Silva, segundo a qual “a Câmara deveria mandar publicar todos os seus documentos, incluindo os que existem na Torre do Tombo e das eras mais remotas que se puder obter, formando volumes denominados Anais do Município de Guimarães”.

Este projecto, financiado pelo município, foi confiado à Sociedade Martins Sarmento e posto em execução pelo Abade de Tagilde. A proposta era ousada: tratava-se de coligir e publicar todos os documentos históricos que dissessem respeito a Guimarães, desde os tempos mais remotos até ao século XX. Durante

10 anos, Oliveira Guimarães trabalhou arduamente e conseguiu publicar o primeiro volume. No prefácio, expressou o seu desejo: “Oxalá que tenha força e tempo para rematar o encargo que me foi cometido”. Mas não teve. Atingido por uma pneumonia, viu-se sem forças para continuar.

Dois dias antes de morrer, ainda tentou convencer o seu amigo João de Meira para prosseguir a sua obra, mas este sentiu-se incapaz de o substituir e viria a falecer um ano e meio após a morte do Abade. Com o desaparecimento de uma plêiade de homens notáveis – Martins Sarmiento, Alberto Sampaio, Oliveira Guimarães e João de Meira – todo o processo cultural em Guimarães iria atravessar um período difícil.

O nosso Abade foi, na realidade, um inovador dos estudos históricos em Guimarães. Havia já algumas obras publicadas como as *Memórias Ressuscitadas da Antiga Guimarães*, da autoria do P.<sup>e</sup> Torcato Peixoto de Azevedo (finais do século XVII), a *Corografia Portuguesa e Descrição Topográfica do Famoso Reino de Portugal*, obra em três volumes do P.<sup>e</sup> António Carvalho da Costa, publicada em Lisboa entre 1706 e 1712 e ainda *Guimarães, Apontamentos para a sua História*, do P.<sup>e</sup> António José Ferreira Caldas, obra em dois volumes, editada no Porto em 1881. A todas elas, no entanto, faltava o rigor e a investigação histórica, o contacto directo com as fontes documentais ou com os achados arqueológicos, predominando, por vezes, mais a fantasia do que a realidade objectiva. E, como diz Alexandre Herculano, “sem documentos escritos não há história”.

O *Diário de Notícias* de 22 de Abril de 1912, publicou a notícia da sua morte, que foi reproduzida n’ *O Archeologo Português* por Leite de Vasconcelos (S. 1, n.º 17 (1912), p. 207-208). Nela podemos ler: “De grande erudição, o Abade de Tagilde podia enfileirar sem desdouro ao pé dos mais ilustres intelectuais do seu tempo pela sua grandíssima actividade literária, de que legou valiosos documentos”. E Leite de Vasconcelos, lamentando a morte do homem a quem o país tanto devia, agradece-lhe os importantes favores que ele prestou ao Museu Etnológico.

N’ *O Archeologo Português*, Oliveira Guimarães deu à estampa alguns trabalhos que indicamos por ordem da data de publicação, seguidos do n.º do volume e da paginação:

- Explorações arqueológicas em Paços de Ferreira (1986), vol. 2, p. 83-86;
- Vasilha antiga (1903), vol. 7, p. 265-266;
- Mosaicos romanos de Portugal: mosaicos de Vizela (1903), vol. 8, p. 243-246;
- Catálogo dos pergaminhos existentes no Arquivo da Insigne e Real Colegiada de Guimarães (1904-1908), vol. 9-13.

Estes artigos vão ser analisados mais especificamente ao tratarmos do epistolário temático.

### 2.3. O Político

Oliveira Guimarães, dois anos após ter sido nomeado pároco de Tagilde, apresentou-se como candidato a deputado pelo Círculo de Guimarães, em representação do Partido Progressista, então no poder. Foi no Outono de 1889, tinha 36 anos.

O seu adversário político era João Franco Castelo Branco, candidato pelo Partido Regenerador. Os regeneradores tinham fortes apoios em Guimarães e João Franco gozava de popularidade entre os seus eleitores. A imprensa local, com destaque para “O Commercio de Guimarães” tomava posição declarada por João Franco. Oliveira Guimarães era um desconhecido, um simples padre de uma aldeia rural.

Prevvia-se o resultado das eleições: João Franco ficou deputado pela segunda vez.

Algum tempo depois, este seu adversário quis mover as suas influências para que o P.<sup>e</sup> Oliveira Guimarães fosse proposto para bispo, não sabemos se por comisseração, se por uma certa admiração, ou para se ver definitivamente livre deste seu rival. Oliveira Guimarães perdeu uma batalha mas, como veremos, não perdeu a guerra.

Martins Sarmento, detestava que o Abade tivesse esta inclinação para a política porque lhe tirava tempo para se dedicar à Arqueologia, a ponto de escrever: “eu faço votos sinceros para que um Abade qualquer pregue com este meu bom amigo numa poça bem funda, tirando-lhe de vez este vício da política, que lhe há-de dar desgostos pela rasa velha”. Mas a vontade de Sarmento não se veio a concretizar tão depressa. Oliveira Guimarães não foi deputado, mas viria a ser Presidente da Câmara de Guimarães.

Com efeito, entre 1902 e 1904 foi vereador e em 1905 assumiu a presidência da Câmara até à instauração da República, em 5 de Outubro de 1910. Estabeleceu um vasto programa de realizações que incluíam vários projectos de renovação urbanista relacionados com a cidade de Guimarães e várias povoações do concelho tendo feito essa proposta na sessão municipal em Abril de 1906.

Não vamos desenvolver o seu percurso como autarca porque não é esse o objectivo deste trabalho.

Uma interrogação se nos coloca. Porque é que o P.<sup>e</sup> Oliveira Guimarães se teria dedicado à política? A sedução do poder? A sede de protagonismo? O desejo de fazer uma inédita experiência na sua vida num campo que lhe era inteiramente desconhecido? A preocupação altruísta de ter um cargo que lhe permitisse mais facilmente proporcionar melhores condições de vida às aldeias rurais do concelho de Guimarães, a começar pela “sua Tagilde”, tão abandonada mas ao mesmo tempo tão querida? Não sabemos. Mas lendo a monografia que escreveu da sua terra e a correspondência que manteve com Leite de Vasconcelos concluímos, sem dúvida, que o desejo de proporcionar uma vida mais humana às populações

mais carenciadas esteve sempre presente no seu espírito. Era isso que pensava também o seu adversário político J. Freitas Branco. Na altura da sua morte, ao referir-se ao seu tratamento com os paroquianos, escrevia: “A todos socorria quer com o óbolo a necessitados, quer com os seus serviços políticos. Onde via uma lágrima a enxugar, ele lá estava” (*O Commercio de Guimarães* de 03-05-1912).

### 3. OS EPISTOLÁRIOS DE OLIVEIRA GUIMARÃES E LEITE DE VASCONCELOS

Como é natural, o Abade de Tagilde e Leite de Vasconcelos travaram entre si correspondência. Nela predominam os temas ligados à Arqueologia, Etnologia, Epigrafia e Numismática. Mas, ao mesmo tempo, estes epistolários são também reveladores do estado de alma de duas pessoas onde afloram sentimentos, afectos, partilha de saberes, simplicidade e naturalidade em dar e receber.

Como dissemos no início, o conjunto destas cartas encontra-se no Museu Nacional de Arqueologia e vêm referidas na publicação *Epistolário José Leite de Vasconcelos*. Os autores estão dispostos por ordem alfabética, sendo a cada um atribuído um número, assim como um número a cada espécie, seguidos do local de procedência e da data. Nas páginas 123 e 124 encontramos a correspondência do nosso Abade para Leite de Vasconcelos. São 58 espécies. O Abade de Tagilde faleceu com 58 anos. É curiosa esta coincidência de números! Como, devido a dificuldades de leitura (é o problema dos manuscritos!) a lista publicada saiu com algumas incorrecções, resolvemos aqui apresentar uma nova versão com as devidas emendas. Incluímos igualmente a correspondência de Leite de Vasconcelos para o Abade de Tagilde. São apenas 9 espécies. Os originais encontram-se na Sociedade Martins Sarmiento. No Museu Nacional de Arqueologia temos a digitalização destas cartas, gentilmente cedida pela mesma Sociedade.

#### QUADRO 2

Correspondência de João Gomes de Oliveira Guimarães, Abade de Tagilde, para José Leite de Vasconcelos (N.º autor 1555)

N.º Espécie	Local	Data
9966	S. l.	s. d.
9967	Guimarães	s. d.
9968	Vizela	s. d.
9969	Vizela	s. d.
9970	Tagilde	19-03-1896
9971	Tagilde	24-03-1896
9972	Tagilde	02-04-1896
9973	Tagilde	12-04-1896
9974	Tagilde	05-06-1896

N.º Espécie	Local	Data
9975	Tagilde	22-03-1897
9976	Tagilde	18-02-1900
9977	Tagilde	03-01-1901
9978	Tagilde	30-01-1901
9979	Vizela	30-06-1902
9980	Tagilde	04-01-1903
9981	Tagilde	17-01-1903
9982	Tagilde	26-01-1903
9983	Guimarães	27-02-1903
9984	Tagilde	01-04-1903
9985	Tagilde	30-04-1903
9986	Vizela	23-07-1903
9987	Tagilde	02-10-1903
9988	Guimarães	08-10-1903
9989	Tagilde	11-10-1903
9990	Vizela	12-10-1903
9991	Guimarães	22-10-1903
9992	Vizela	25-10-1903
9993	Vizela	02-11-1903
9994	Tagilde	02-05-1904
9995A	Tagilde	28-05-1904
9996	Tagilde	23-10-1904
9997	Vizela	11-11-1904
9998	Vizela	13-02-1905
9999	Tagilde	26-02-1905
10000	Vizela	04-06-1905
10001	Vizela	04-12-1905
10002	S. I.	20-12-1905
10003	Tagilde	20-02-1906
10004+A	Tagilde	28-02-1906
10005	Vizela	09-04-1906
10006	Tagilde	11-10-1906
10007	Vizela	22-11-1906
10008	Tagilde	01-03-1907
10009A	Tagilde	08-03-1907
10010	Tagilde	14-04-1907
10011	Tagilde	25-04-1907
10012	[Tagilde]	27-04-1907
10013+A-B	Tagilde	28-04-1907
10014	Tagilde	06-03-1909
10015	Vizela	09-06-1909
10016	Tagilde	03-04-1910
10017	Tagilde	14-06-1910
10018	Tagilde	19-07-1910
10019+A	Tagilde	02-11-1910
10020	Tagilde	23-11-1910
10021	Tagilde	14-03-1911
10022	Tagilde	29-06-1911
10023	Tagilde	31-07-1911

**QUADRO 3**  
**Correspondência de José Leite de Vasconcelos para João Gomes de Oliveira**  
**Guimarães, Abade de Tagilde**

N.º Espécie	Local	Data
1	S. l.	s. d.
2	Lisboa	(?)-02-1896
3	Lisboa	20-03-1896
4	Lisboa	31-01-1901
5	Lisboa	04-02-1903
6	Lisboa	12-03-1903
7	Lisboa	03-04-1903
8	Lisboa	18-05-1903
9	Lisboa	15-07-1908

Do confronto da lista agora apresentada com a que foi publicada no Suplemento n.º 1 d' *O Arqueólogo Português* – “Epistolário de José Leite de Vasconcelos”, verificamos que estavam deslocadas da ordem cronológica as espécies 9984, 9985, 9986 e 10013+A-B. A primeira espécie da lista n.º 9966, sem indicação de procedência e data, pelo seu contexto concluímos que foi escrita na primeira semana de Junho de 1910 e precede a espécie n.º 10.017 de 14-06-1910. É possível que possam existir mais cartas quer de um quer de outro autor. Estas são as únicas que conhecemos.

É notória a diferença numérica entre as cartas do Abade de Tagilde e as de Leite de Vasconcelos. Não é de estranhar se tivermos em conta que Oliveira Guimarães se considerava um discípulo perante o Mestre de quem tinha muito a aprender. Escreveu durante 16 anos a Leite de Vasconcelos. O ano de maior correspondência entre ambos foi 1903 – 14 cartas do Abade de Tagilde e 4 de Leite de Vasconcelos. Não admira! Foi nesse ano que foram publicados vários artigos n' *O Archeologo Português* assinados por Oliveira Guimarães com os quais a correspondência está directamente relacionada.

#### 4. ANÁLISE DA CORRESPONDÊNCIA DE OLIVEIRA GUIMARÃES PARA LEITE DE VASCONCELOS

Ao lermos as cartas, os postais e os cartões de visita de Oliveira Guimarães para Leite de Vasconcelos deparamos com uma correspondência muito diversificada.

Por vezes, são tratados temas específicos relacionados com o saber científico; outras espécies têm conexão com artigos que Oliveira Guimarães viria a publicar n' *O Archeologo Português* e gostava, naturalmente, da opinião e orientação do seu mestre; outras ainda são de ordem pessoal, uma simples conversa desprentensiosa de amigo para amigo.

Em muitas destas espécies revela-se a personalidade do seu autor como um homem sempre pronto a dar a mão a quem precisa, como alguém que reconhece com simplicidade as suas limitações e pede ajuda, ou até como bom conselheiro de Leite de Vasconcelos.

É desta unidade integrativa de uma pessoa que iremos agora falar.

#### 4.1. A Personalidade de Oliveira Guimarães

Uma característica que sempre acompanhou o Abade de Tagilde ao longo da vida foi a sua sensibilidade para prestar auxílio no momento próprio. Foi o que aconteceu com o seu paroquiano Aventino Lopes de Faria.

Assim, na primeira semana de Junho de 1910 (esp. 9966), envia um telegrama a Leite de Vasconcelos para que interceda “muito instantemente” junto do Dr. Apell, então professor na Faculdade de Letras de Lisboa, a ter consideração por este rapaz, que era seu aluno, no exame que iria fazer brevemente. Uma semana depois, em 14-06-1910 (esp. 10.017), insiste no mesmo pedido: “Venho renovar a V. Ex.<sup>a</sup> o favor deste meu paroquiano rogando-lhe que o tome a seu cuidado ante aquele professor de que me dizem que V. Ex.<sup>a</sup> é muito amigo...”<sup>5</sup>.

No ano seguinte, em carta de 29-06-911 (esp. 10.022) volta a insistir junto de Leite de Vasconcelos a quem se dirige como “meu Ex.mo amigo” pedindo a sua interferência junto dos professores Alfredo Apell e David Lopes “... a favor do meu freguês que creio estar habilitado pois apesar das faltas às aulas, não descurou o estudo; à sua boa amizade e confiança o confio pois...”.

Um estudante de Tagilde, em 1910, a frequentar um curso superior, era um orgulho para o Abade. Merecia a sua protecção!

Este cuidado pela instrução era nele uma constante. Quando em 1894 redige a monografia sobre Tagilde, ao indicar que havia quatro estudantes na povoação, destaca um deles – José Lopes de Faria – que frequentava o 3º ano de Teologia no Seminário de Braga e, lamenta profundamente, que nem na sua freguesia, nem nas 14 que estavam à sua volta havia uma única escola de instrução primária. Entre 1894 e 1910 decorreram 16 anos mas pouco se tinha avançado no sector do ensino.

José Lopes Leite de Faria e Aventino Lopes de Faria eram possivelmente familiares.

<sup>5</sup> Os números que a partir daqui vamos encontrar entre parênteses indicam a espécie epistolar da lista da correspondência de Oliveira Guimarães para Leite de Vasconcelos atrás apresentada.



O Abade de Tagilde demonstra também na sua correspondência para Leite de Vasconcelos, sentimentos de consideração, familiaridade, admiração, gratidão e disponibilidade.

Numa carta enviada de Tagilde em 05-06-1896 podemos ler: “Quando tiver alguma novidade acerca de velharias não esquecerei de lha comunicar para *O Archeologo...*”<sup>6</sup> (esp. 9974).

Num cartão de visita, o Abade escreve: “com um abraço, agradeço tamanha fineza que foi muito além das minhas expectativas” (esp. 9968); e numa carta de 18.02.900 (esp. 9976) exprime o mesmo sentimento: “Muito agradecido pelas suas preciosas informações que foram muito além da minha expectativa”.

Mostra respeito perante o Mestre. Não pede, não impõe, apenas propõe à sua consideração: “Envio a notícia para *O Archeologo* que poderá ser publicada se entender que não é de desprezar” (esp. 9969). A mesma atitude toma quando diz que vai mandar uma notícia para *O Archeologo* mas que talvez fosse mais conveniente esperar por uma visita do Sarmento para resolver algumas dúvidas e conclui: “... mas se quiser mando já” (esp. 9970). O Abade emite a sua opinião mas é o Mestre quem decide: “Envio as provas que me mandou e peço-lhe que faça as emendas que entender” (esp. 9973).

O Abade não gosta de perder tempo com questões de “lana caprina” e prefere abdicar da sua opinião, mesmo fundamentada, em vez de alimentar polémicas inúteis. Assim, numa discordância de datas entre ele e o Sr. Carmona Manuel sobre a tomada de posse do bispo D. Afonso para a diocese de Évora, escreve a Leite de Vasconcelos: “Envio o artigo do Ex.mo Carmona Manuel, não mando o meu... não quero abrir polémica que é pouco interessante. Elimine pois, se assim julgar a [minha] rectificação” (esp. 9974).

Reconhece também as suas limitações e tem a simplicidade e a sinceridade de o exprimir. Numa carta escrita de Tagilde em 1897 (esp. 9975, fig.3) diz ter recebido um convite da Comissão dos Monumentos Nacionais para realizar determinada tarefa e assumir um cargo e comunica a Leite de Vasconcelos: “Como antevejo que o meu amigo foi o promotor da coisa é do meu dever agradecer-lhe a lembrança atenciosa e significar-lhe ao mesmo tempo que pouco pode a Comissão contar comigo porque me falta a competência, embora sobeje a boa vontade”.

E vamos terminar este capítulo com uma carta encantadora datada de 11-11-1907 (esp. 10.010). Trata-se de uns artigos que Leite de Vasconcelos tinha

<sup>6</sup> *O Archeologo Português* – apareceu em 1895 como revista do então chamado “Museu Ethnographic Português”, hoje Museu Nacional de Arqueologia. José Leite de Vasconcelos criou o Museu em 1893 e dois anos depois lançava a revista.

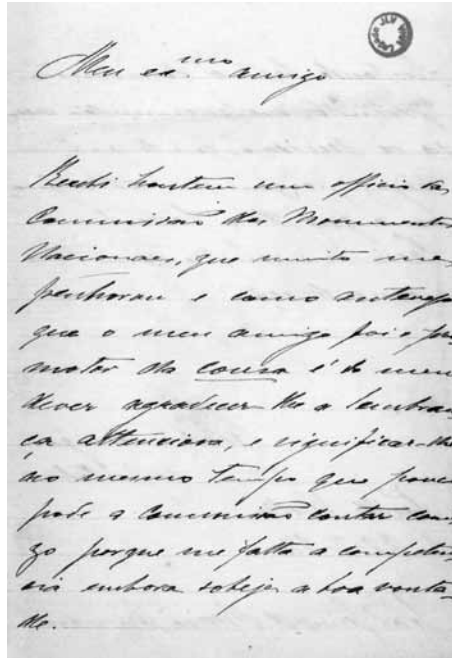


Fig. 3 – Espécie 9975. MNA. Arquivo pessoal JLV. Correspondência.

enviado para a *Portugalia*<sup>7</sup> e que não foram bem aceites, mas antes alvo de críticas. Pede a sua opinião ao Abade de Tagilde e é deliciosa a sua resposta que revela humildade, franqueza baseada na amizade; o Abade revela-se como um conselheiro sereno, um padre que o convida a esquecer e a perdoar: “O meu amigo bem sabe que eu não tenho a competência para avaliar devidamente os diferentes assuntos que nele toca; simples curioso, não tenho aprofundado as matérias versadas... Que hei-de dizer-lhe em consciência?

Quanto aos outros escritos, limito-me a dizer-lhe somente, com a franqueza que a amizade me autoriza, que acho a forma, por vezes, um tanto áspera. Sei que não leva a mal este meu sentir.

Quem possui a competência e a erudição do meu amigo em tais assuntos, parece-me que deveria criticar com mais um pouco de serenidade os cultores da arqueologia e mormente os da *Portugalia* que com esta publicação prestou importantes serviços. Embora algum melindre haja no seu espírito por alguma apreciação de trabalhos seus, por eles feita, quem tão alto está e tanto e tão profundamente tem versado as matérias arqueológicas e correlativas e produzido

<sup>7</sup> A publicação da revista *Portugalia* iniciou-se em 1899. O 1º tomo é constituído por 4 fascículos editados entre 1899 e 1903.

obras como as “*Religiões*”<sup>8</sup> deverá, creio eu, relevar alguma expressão mal sonante que certamente não vai depreciar o seu mérito e valor, real e incontestável.”

E conclui realçando a sua consideração, gratidão e afecto que lhe dedica: “Não vê, por certo, neste meu dizer senão a consideração e respeito que lhe tributo e assim deixei correr a pena ao sabor do meu pensar, assegurando-lhe a amizade que lhe consagro e o agradecimento da distinção com que sempre me tem tratado.

Creia-me sempre às suas ordens como Amigo afectuoso e agradecido. Abade J. G. d’ Oliveira Guimarães.”

Leite de Vasconcelos deveria ter gostado muito desta carta. No canto superior direito da mesma, escreveu a lápis pelo seu punho: “Respondi devidamente”.

#### 4.2. Temas Específicos no Epistolário

Passemos agora a examinar a correspondência que trata de assuntos directamente relacionados com a arqueologia, etnografia, epigrafia...

Muitas destas cartas contêm pedidos de informações, notificação de achados e documentos diversos. Algumas delas, como já referimos, precederam artigos que foram publicados pelo Abade de Tagilde na revista *O Archeologo Português*.

##### 4.2.1. Epigrafia: lápides e inscrições tumulares

Nas espécies 9977, 10.008 e 10.009+A, escritas entre 1901 e 1907, Oliveira Guimarães pede a Leite de Vasconcelos esclarecimentos sobre a leitura de algumas lápides funerárias que se encontravam na Sociedade Martins Sarmento oriundas de Panoias, de Baião ou de locais desconhecidos. Algumas foram oferecidas por Albano Belino<sup>9</sup>. Na última carta, anexa a fotografia de uma lápide vinda de

<sup>8</sup> *Religiões da Lusitânia* – É uma obra em 3 volumes da autoria de José Leite de Vasconcelos, editada em Lisboa entre 1897 e 1913 (1.º vol. 1897, 2.º vol. 1905, 3.º vol. 1913).

<sup>9</sup> Albano Ribeiro Belino foi uma figura notável da arqueologia portuguesa. Nasceu em Gouveia, no ano de 1863 e chegou a Guimarães em Julho de 1876. Iniciado na escrita pelo cônego Joaquim de Oliveira Cardoso, poeta e dramaturgo, cedo se tornou poeta colaborando nos jornais de Guimarães e no *Jornal da Manhã* do Porto. Ainda jovem, envolveu-se na vida cívica da terra que o adoptou. Em 1881, tinha então 18 anos, casou com Delfina Rosa, sobrinha do cônego Joaquim Cardoso. Passou a instalar-se em Braga e foi aí que inspirado na obra e na vida de Martins Sarmento, deu início a prospecções arqueológicas. Trocou larga correspondência com Martins Sarmento – 160 cartas entre Agosto de 1894 e 1900.

Também se correspondeu com Leite de Vasconcelos entre 1895 e 1906, tendo-lhe endereçado 89 espécies. Entre 1894 e 1900 escreveu-se igualmente com Emílio Hübner.

A obra publicada por Albano Belino abrange estudos de epigrafia romana, arqueologia cristã e numismática. Passou a maior parte do seu tempo em Braga, dedicando-se ao estudo da Bracara Augusta. Entusiasmado com os achados de monumentos epigráficos, compila as inscrições que transcreve das pedras e começa ao mesmo tempo a coleccionar objectos arqueológicos no intuito de integrar este espólio num futuro Museu Arqueológico de Braga. Este plano não chegaria a concretizar-se. Dois anos após a sua morte, ocorrida em 1905, todo este acervo veio parar ao Museu da Sociedade Martins Sarmento, tendo-se criado uma secção específica com o seu nome. Em 2005, a Sociedade Martins Sarmento organizou uma exposição e publicou um catálogo sobre o espólio da secção de Albano Belino.

S. Martinho do Campo e solicita a Leite de Vasconcelos que lhe decifre a leitura.

Na espécie datada de 30-01-1901 (esp. 9978) pede novos esclarecimentos sobre a interpretação epigráfica de várias lápides expostas na mesma Sociedade e manifesta a intenção de publicar na *Revista de Guimarães* o catálogo dessas inscrições. Leite de Vasconcelos responde-lhe de imediato em 31-01-1901 (4.<sup>a</sup> carta) dando-lhe algumas informações preciosas sobre a leitura dessas lápides e incentiva-o a fazer a sua publicação. Termina a carta dizendo que tem obtido muita coisa boa para o Museu como objectos em bronze, em vidro e em barro (mais de 150 peças). No Verão, espera abrir o Museu ao público. De facto, o Museu criado em 20 de Dezembro de 1893, foi transferido para os Jerónimos em 1903 e aberto ao público em 22 de Abril de 1906 com o nome de “Museu Ethnographico Português”.

Em 30-06-1902 (esp. 9979), o Abade notifica Leite de Vasconcelos de que vai encarregar pessoa competente para fazer os desenhos das lápides que este lhe pedira e informa que o catálogo das inscrições vai sair em separata.

Em 02-11-1910 (esp. 10.019+A), informa Leite de Vasconcelos que tem autorização do director da Sociedade Martins Sarmento para reproduzir um cipo (pedra tumular) que ele próprio encontrara e oferecera à Sociedade.

Estas são apenas algumas das cartas que tratam de lápides e inscrições funerárias. Não queremos alongar-nos mais. Se o assunto interessar ao leitor poderá consultar directamente este epistolário no Museu Nacional de Arqueologia.

#### 4.2.2. Escavações arqueológicas em Paços de Ferreira

É com este título que Oliveira Guimarães escreve o seu primeiro artigo n’ *O Archeologo Português* em Março de 1896 (vol. 2, p. 83-86). Antes da sua publicação houve troca de correspondência entre o Abade de Tagilde e Leite de Vasconcelos.

De que trata o artigo? De dois achados arqueológicos. No dia 04-02-1896 foi encontrado em terreno inculto, no sítio das Mourinhas, freguesia de *Zamoso* [sic] (i. e. Lamoso)<sup>10</sup>, concelho de Paços de Ferreira, um anunciado “forno”. Quando o Abade de Tagilde teve conhecimento, dirigiu-se ao local no dia 25 desse mês e apenas encontrou alguns vestígios, tudo o mais tinha sido destruído. Mas pelo que viu, e sobretudo pelas informações que ali colheu, verificou que não se tratava de um forno mas, possivelmente, de um monumento sepulcral em forma de pipa. Trocou impressões com Martins Sarmento e este confirmou a sua opinião.

<sup>10</sup> Freguesia de Lamoso e não Zamoso como consta n’ *O Archeologo Português*.

No texto publicado, Oliveira Guimarães descreve em pormenor o que observou. Entretanto, trouxe para o Museu da Sociedade Martins Sarmento uns pedaços de barro e argamassa; algumas pessoas, sabendo isto e pensando que estes materiais tinham ouro à mistura, foram de novo ao local e destruíram praticamente tudo, à procura do precioso metal.

A 400 metros de distância encontrava-se uma mamoa no centro da qual se erguia uma anta. O povo chama-lhe “o forno dos Mouros”. O Abade Oliveira Guimarães fez esta exploração a 27 de Fevereiro sob o olhar atento de muitos curiosos que pensavam que ali iria encontrar o “ouro encantado” mas apenas apareceu um machado de pedra e metade de uma faca de sílex, objectos estes que foram levados para o Museu M. Sarmento.

No final do artigo dá uma boa notícia: “As explorações arqueológicas no concelho de Paços de Ferreira vão prosseguir”. E termina dizendo: “Paços de Ferreira tem muito que explorar no campo arqueológico”. Antes do texto ser publicado, o Abade de Tagilde envia um postal a Leite de Vasconcelos, conjuntamente com o artigo (espécies 9970 a 9973), para que este faça os seus comentários e dá-lhe “carta branca” para rectificar o que achar necessário. Leite de Vasconcelos responde sugerindo algumas emendas e, comparando estes achados com as criptas de Alcalar, no Algarve, aconselha-o a ler o livro *Antiguidades do Algarve* de Estácio da Veiga (ver a 2.<sup>a</sup> carta da correspondência de Leite de Vasconcelos para o Abade).

E conclui: “Sempre que tenha por lá alguma notícia, avulsa que seja, de monumentos ou achados, etc., pode mandar e, vindo também estampas, melhor. Tudo será muito bem recebido.”

#### 4.2.3. Vasilha antiga

Em Setembro de 1896, Oliveira Guimarães publica um segundo artigo n’ *O Archeologo Português*, referente a outro achado no concelho de Paços de Ferreira, freguesia de Eiriz, nas proximidades da Citânia de Roriz. Quando se procedia a uma escavação, encontraram-se bastantes vasilhas de barro “a maior parte das quais foram despedaçadas, já casualmente pelo alvião dos trabalhadores, já propositadamente com a mira no ouro, que deveriam conter, ou em que se transformaria o barro de que eram feitas.” E comenta: “Os *Mouros* eram peritos na arte de *encantar* o precioso metal, afirma sem sombra de dúvida o nosso povo.”

O P.<sup>e</sup> Bento Bravo, Abade de Codeços, ofereceu deste espólio uma preciosa vasilha de formoso barro vermelho ao seu colega Abade de Tagilde para o Museu da Sociedade. A forma e as dimensões desta peça vêm reproduzidas na p. 266 (*O Archeólogo Português*, vol. 7 (1903), p. 265-266).

#### 4.2.4. Reconstrução do pavimento do claustro da Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira de Guimarães

O Abade de Tagilde tinha convivência com os cónegos da Colegiada de Guimarães<sup>11</sup>. Em 1903, o superior da Colegiada pede ao Abade de Tagilde, por quem tinha muita consideração, que o ajudasse a resolver um problema. Tratava-se da reconstrução do claustro que se apresentava em mau estado de conservação.

Em 17-01-903 (esp. 9981) o Abade reconhecendo que não tinha competência para lhe dar uma informação fundamentada, escreve ao seu mestre, Leite de Vasconcelos, para lhe dar a sua opinião. Depois dos cumprimentos habituais a carta continua:

“Para responder a uma pergunta dos cónegos da Colegiada desejava que V. Ex.<sup>a</sup> me elucidasse sobre o caso.

Projectam eles retirar os caixilhos com vidraça que em tempo foram colocados entre os arcos do claustro, ficando estes por tal modo, limpos e desembaraçados de semelhantes apêndices. Em seguida, querem reformar o pavimento do dito claustro, que actualmente está em madeira e que deve ficar em cimento porque a humidade já do subsolo, já da que resultará da remoção das vidraças, prejudica por completo a madeira. Ora, que cor e desenhos deve ser dada ao cimento para ficar o [mais] possível em harmonia com o estilo dos arcos e colunas do claustro?”

Leite de Vasconcelos, depois de ler esta carta, rascunhou na mesma, a lápis, a sua opinião que em seguida lhe iria enviar: “mosaico (parquet) branco e preto em xadrez”. O vocábulo *parquet* poderá ser traduzido por um pavimento de peças delgadas embutidas em forma de xadrez (fig. 4).

Sobre este assunto, escreve o Abade de Tagilde a Leite de Vasconcelos mais três cartas – uma em Janeiro, outra em Fevereiro e uma terceira em Março (esp. 9982, 9983, 9984). Na primeira, pede-lhe a sua opinião sobre se

<sup>11</sup> A Colegiada de Guimarães teve origem num mosteiro fundado em meados do séc. X pela Condessa Mumadona nas suas terras de Guimarães. O castelo desta cidade foi construído para o proteger. No séc. XII é instituída a Colegiada de Guimarães sendo seu patrono D. Afonso Henriques. A Colegiada dependia directamente da Santa Sé e, ao longo dos tempos, os reis foram protegendo e enriquecendo esta Instituição. Importantes personagens foram seus Priores como D. Martinho de Giraldes, arcebispo de Braga, Pedro Hispano, que viria a ser o Papa João XXI, o Dr. João das Regras e outros.

A 14 de Agosto de 1385, D. João I vence a batalha de Aljubarrota e vai agradecer a vitória a Santa Maria de Guimarães, tendo mandado reedificar a igreja. Em 1649 a Colegiada é considerada “insigne”. Foi extinta em 01-12-1869. Devido a um projecto-lei apresentado em 1888 por João Franco, deputado em Guimarães, volta a reorganizar-se a Insigne e Real Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira. Existia portanto ainda em 1903, ano em que foram escritas as cartas do Abade de Tagilde para Leite de Vasconcelos. Em 1912 o Governo da República extingue-a novamente sendo de novo restaurada a 13 de Fevereiro de 1967.



Fig. 4 – Claustro da Colegiada de Guimarães depois de reconstruído.

deve manter-se um passadiço de granito no pavimento do claustro ao centro e de ambos os lados; na segunda carta, envia em anexo uma planta com desenhos do projectado pavimento e, na terceira, datada de 01-04-1903 pede a Leite de Vasconcelos que lhe reenvie essa mesma planta porque não ficou com nenhuma cópia. Leite de Vasconcelos responde dois dias depois, agradecendo um artigo que o Abade lhe tinha mandado mas lamenta não lhe poder enviar os desenhos porque não os encontra: “Se soubesse que os queria, tinha-los mandado logo...”.

No edifício desta antiga Colegiada está hoje instalado o Museu Alberto Sampaio. Lá se pode ver a reconstituição do claustro como Leite de Vasconcelos indicou: “mosaico *parquet* branco e preto em xadrez” com uma faixa de granito ao centro e duas faixas laterais, confinando estas com a arcada do claustro e com a parede interior do edifício. O *Dicionário de motivos geométricos no mosaico romano*, p. 103, dá a esta tipologia o nome de xadrez que define como “composição de quadrados adjacentes de cores opostas; se há mais de duas cores, é necessário que uma cor se repita uma vez em duas”. Nesta página apresenta a figura 114a, idêntica à do pavimento do claustro.



#### 4.2.5. Mosaicos romanos de Portugal: mosaicos de Vizela

Foi com este título que Oliveira Guimarães publicou mais um artigo na revista do Museu Nacional de Arqueologia.

Como já dissemos, Leite de Vasconcelos e o Abade de Tagilde trocaram vasta correspondência, particularmente no ano de 1903.

Estas cartas abordam essencialmente dois temas: - o restauro do pavimento do claustro da Colegiada de Guimarães e os mosaicos de Vizela. Sobre os mosaicos romanos de Vizela encontramos no epistolário do Abade de Tagilde 7 espécies (9983 a 9989), escritas entre 27 de Fevereiro e 10 de Outubro; do epistolário de Leite de Vasconcelos constam 4 espécies redigidas entre 2 de Fevereiro e 8 de Maio.

Resumimos o seu conteúdo.

O Abade de Tagilde fica impressionado com a beleza de alguns mosaicos romanos encontrados nas termas de Vizela e notifica Leite de Vasconcelos. Este responde-lhe em 4 de Fevereiro dizendo: “Quando puder enviar-me o desenho dos mosaicos romanos e um artigo sobre eles, agradecerei.” O Abade responde-lhe em 27 de Fevereiro (esp. 9983) com uma dádiva: “Pelo correio de hoje envio a V. Ex.<sup>a</sup> a cópia dos desenhos de Vizela que a direcção da Sociedade tem a liberdade de oferecer a V. Ex.<sup>a</sup>.” Leite de Vasconcelos agradece-lhe pessoalmente a gentileza e pede-lhe para testemunhar à Sociedade os seus agradecimentos. E acrescenta: “Agora o que desejo é que o meu amigo se digne mandar-me o artigo respectivo para o publicar com o meu n’ *O Archeologo*. Como viu, abri lá uma secção de mosaicos romanos em Portugal.”

Essa secção, sob a epígrafe *Mosaicos romanos em Portugal*, encontra-se n’ *O Archeologo Português*, vol. 7 (1902), p. 312 e 313, assinada por Leite de Vasconcelos. Nas páginas seguintes, 313 a 319, podemos ler o artigo n.º 1, sobre esta temática, intitulado *Mosaicos do Arnal e S. Sebastião*, devidamente ilustrado com 3 desenhos de mosaicos, e assinado por John Martin.

Entretanto, o Abade envia a Leite de Vasconcelos o artigo sobre os mosaicos de Vizela acompanhado de 6 desenhos, 4 deles a cores, e Leite responde em 3 de Abril: “muito agradeço o artigo que me mandou e que mando para a imprensa com os 6 desenhos do mosaico.” Em 30 de Abril (esp. 9985) o Abade escreve nova carta a Leite de Vasconcelos e toda ela versa sobre as cores dos desenhos do mosaico. Diz ainda que o mosaico pertence à classe do *pavimentum tessellatum* segundo a descrição de Rich, constituído por pequenas pedras formando uma figura geométrica. Termina a carta acrescentando: “... desnecessário [será] dizer que aí pode fazer a alteração que julgar indispensável na descrição, como termos, etc.”

A última carta sobre este assunto, de Leite de Vasconcelos para o Abade, tem a data de 18 de Maio. Não estando ainda plenamente satisfeito com a



qualidade dos desenhos recebidos, pede novas cópias e mais detalhes na interpretação. E é o que o Abade de Tagilde faz. Remete novos desenhos, lembrando que seria interessante que fossem publicados a cores e envia o artigo devidamente rectificado (esp. 9987 a 9989).

O artigo foi publicado em 1903 com o título “Mosaicos romanos de Portugal”. (ob. cit., vol. 8, p. 243-246).

O n.º 2 (“2. Mosaicos de Vizella”), que precede a epígrafe, indica que é o 2.º artigo da secção Mosaicos romanos de Portugal, criada por Leite de Vasconcelos, sendo o 1.º assinado por John Martin, como já referimos.

Em anexo ao texto do Abade de Tagilde, encontramos 6 figuras enumeradas de A a F. A *fig. A* representa a tipologia do *pavimentum tessellatum*, também designado por *opus tessellatum*. As figuras C, D, E, F, são a cores, como desejava Oliveira Guimarães, e estão assinadas por J. Pina. São realmente desenhos de grande qualidade!

#### 4.2.6. Catálogo dos pergaminhos existentes no Arquivo da Insigne e Real Colegiada de Guimarães

O *Archeologo Português* entre 1904 e 1908, nos vols. 9 a 13, publicou os extractos dos pergaminhos que ficaram no Arquivo da Colegiada de Guimarães e que não deram entrada na Torre do Tombo em 1863, conforme ordenava a Portaria de 11 de Setembro de 1857<sup>12</sup>.

O autor da publicação foi o Abade de Tagilde. Começa por fazer um longo preâmbulo sobre a história dos pergaminhos da Colegiada “... um dos mais antigos e mais ricos do reino...” e refere que na colecção *Diplomata et Chartae* dos *Portugaliae Monumenta Histórica* apenas se encontram publicados 4 documentos de época mais remota. Continua dizendo que “... a quase totalidade dos documentos em pergaminho anteriores ao ano de 1600, existe hoje na Torre do Tombo, porque em execução do decreto de 2 de Outubro de 1862, a este arquivo foram recolhidos em 1863...” (Ob. cit., vol. 9, p. 81).

Presentemente, a maior parte dos pergaminhos da Colegiada continua depositada na Direcção Geral de Arquivos – Torre do Tombo e vai dos anos 750 a 1785. Os pergaminhos relativos aos extractos publicados na revista do Museu Nacional de Arqueologia (MNA) estão no Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, em Guimarães.

Há ainda dois pequenos conjuntos deste espólio: um faz parte do legado de Leite de Vasconcelos do MNA (cerca de 130 exemplares) e o outro conjunto

<sup>12</sup> A publicação dos extractos dos pergaminhos está assim distribuída n’ *O Archeologo Português*: 1904, vol. 9, p. 81-98; 1905, vol. 10, p. 126-138, 208-224, 344-358; 1906, vol. 11, p. 93-108, 219-239; 1907, vol. 12, p. 79-91, 335-362; 1908, vol. 13, p. 119-138, 284-299.

encontra-se no Arquivo Distrital de Braga.

Foi em 1904 que Oliveira Guimarães iniciou a publicação dos extratos dos pergaminhos n' *O Archeologo Português* tendo o 1.º a data de 10 de Março do ano 961 e o último é de 10 de Outubro de 1627. São ao todo 412 extractos. Tratam de assuntos variados como: doações ao Mosteiro de Guimarães, trocas e doações de herdades, testamentos, empraçamentos, venda de casas, cartas testemunháveis de transacções, sentenças confirmando empraçamentos...

No epistolário do Abade de Tagilde para Leite de Vasconcelos encontramos 6 espécies (esp. 9987, 9989, 9993, 10.000 e 10.015) escritas entre 1903 e 1909, que se referem aos pergaminhos e à sua publicação na revista do MNA.

#### 4.2.7. Armila de ouro no Museu Nacional de Arqueologia

Este Museu tem um valioso bracelete que se encontra na Exposição “Tesouros da Arqueologia Portuguesa” com o n.º de inventário AU-26 (vitrina 6, n.º de catálogo 55).

Foi adquirido por José Leite de Vasconcelos em Maio de 1907 com a colaboração directa do Abade de Tagilde. Custou 120.000 reis. Trata-se de uma peça que foi encontrada no dia 3 de Outubro de 1906 em terreno inculto que se andava a derribar para plantação de vinha pertencente à Quinta da Bouça, freguesia do Bairro, concelho de Vila Nova de Famalicão. O proprietário do terreno, Joaquim Augusto Alves Correia, era comendador e amigo pessoal do Abade de Tagilde. Este ficou logo interessado na aquisição da peça para o Museu da Sociedade Martins Sarmento.

Em 11-10-1906 (esp. 10.006) escreve a Leite de Vasconcelos: “... a armila é completamente lisa, sem ornato algum, com as extremidades verticalmente cortadas... pesa 150 gramas aproximadamente. O diâmetro exterior tem 0,079 X 0,072 e o interior 0,062 X 0,054. Foi encontrada à profundidade de 0,55 em terra com vestígios evidentes de antiga cova [sepultura] ...”.

Para além desta, havia mais três sepulturas. Numa apareceu uma armila de ouro e dois machados de pedra, noutra um machado metálico, outra estava vazia.

Nas cartas que se seguiram (esp. 10.007 (fig. 5), 10.011, 10.012) o Abade de Tagilde confessa a Leite de Vasconcelos que tem pena de não a poder adquirir para o Museu da Sociedade “... a Sociedade desistiu da aquisição da armila; infelizmente não há o cobre suficiente em disponibilidade...” (esp. 10.011) e propõe a Leite de Vasconcelos que contacte o proprietário, que nessa altura se encontrava em Lisboa, e adquira a peça para o Museu Etnológico. E foi o que fez Leite de Vasconcelos. Comprou a peça que pesava 180 gr. (e não 150) comprometendo-se o vendedor ainda dar “o mais que aparecesse não sendo uma coisa de grande valor” (esp. 10.013B).



A arca de arca é  
 presente pelo Museu de  
 o Museu de E. na  
 ha por engrandir vis-  
 tenças e adquiri-la. Fel-  
 ta o melhor. O Bellino  
 continua effectivamente  
 vras e encontra-se  
 agora na sua casa  
 de Guim. Cuius-  
 tempore  
 M. G. 1895  
 22-11-905  
 Abade de Tagilde

Fig. 5 – Espécie 10.007. MNA. Arquivo pessoal JLV. Correspondência.

A publicação *Inventário do Museu Nacional de Arqueologia*, Coleção de Ourivesaria, 1.º vol.: “Do Calcolítico à Idade do Bronze” na p. 114 traz a descrição da bracelete e na p. 115 a fotografia a cores (fig. 6).



Fig. 6 – Armila de ouro do Museu Nacional de Arqueologia (Inv. AU-26). Fotografia de José Pessoa, Divisão de Documentação Fotográfica, Instituto dos Museus e da Conservação, I.P.

## 5. CONCLUSÃO

Mais coisas haveria a dizer de uma pessoa tão humana e tão plurifacetada.

A vida do P.<sup>e</sup> João Gomes de Oliveira Guimarães foi breve. Morreu aos 58 anos! Por vezes, o percurso da existência é demasiado curto para a realização de grandes projectos. Como investigador, ficou com pena de não ter encontrado alguém que continuasse a sua obra. Tentou, mas não conseguiu. Todavia, o que deixou foi notável. Guimarães e particularmente a Sociedade Martins Sarmento orgulham-se de ter um homem tão ilustre e dedicado.

Margarida Ribeiro, autora dos *Índices dos vol. 1-30 d’O Archeologo Português* (1895-1938) escreveu na introdução, p. 9: “O Clero português deu também importante contributo para a construção desta obra. O Abade de Tagilde, P.<sup>e</sup> J. G. de Oliveira Guimarães, e o Abade de Baçal, P.<sup>e</sup> Francisco Manuel Alves, são figuras representativas na contextura da obra”.

É curioso que a autora tenha privilegiado estes dois padres, dentre os 148 que se corresponderam com Leite de Vasconcelos, tendo alguns deles publicado também artigos n’ *O Arqueólogo*.

Leite de Vasconcelos estimava e admirava o Abade de Tagilde. Por ocasião da sua morte escreveu na revista do Museu (vol. 17, p. 208): “A Sociedade Martins

Sarmento, o Museu da mesma Sociedade, e a *Revista de Guimarães*, devem-lhe muito. Pela minha parte, acrescentarei que também o Museu Etnológico lhe mereceu alguns importantes favores, e que foi n' *O Archeologo Português* que ele deu a lume o citado Catálogo dos Pergaminhos da Collegiada.” E conclui: “O Abade de Tagilde era muito instruído, consciencioso, e amigo da terra natal. A sua morte representa grande perda nas letras pátrias e sobretudo na história e arqueologia vimaranenses.”

Belas palavras de um homem sensível e grato.

## BIBLIOGRAFIA

- O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS*. Lisboa. S. 1, vols. 1-30 (1895-1938).
- O COMMERCIO DE GUIMARÃES*. Guimarães. A. 28, n.º 2647 (03-05-1912).
- COSTA, A. (1948) – *Diccionario chorographico de Portugal Continental e Insular*. Porto: Livraria Civilização. vol. 11.
- EPISTOLÁRIO de José Leite de Vasconcelos* (1999). Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. (Suplementos a *O Archeólogo Português*; 1).
- GUIMARÃES, de O. (1894) – Tagilde, Memoria histórico-descriptiva. *Revista de Guimarães*. Guimarães. vol. 11, p. 5-42 e p. 81-117.
- LEITE, J., P.<sup>e</sup>; COELHO, A. J., P.<sup>e</sup> (2005) – *Santos de todos os dias*. Braga: Editorial A. O. Vol. 1.
- OLIVEIRA, M. A. de (1978) – *História da Real Colegiada de Guimarães*. Guimarães: [s. n.].
- RIBEIRO, M. (1973) – *O Archeólogo Português: índices dos volumes 1-30 (1895-1938)*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia. Tomo 1.
- PARREIRA, R.; ARMBRUSTER, B. (1993) – *Inventário do Museu Nacional de Arqueologia: coleção de ourivesaria: 1.º vol. Do Calcolítico à Idade do Bronze*. Lisboa: Instituto Português de Museus.
- TEIXEIRA, F. J. (2007) – *O padrão e a oliveira*. Guimarães: [s. n.].
- VIEGAS, C.; ABRAÇOS, F.; MACEDO, M. (1993) – *Dicionário de motivos geométricos no mosaico romano*. Conímbriga: Liga dos Amigos de Conímbriga.

